

CETICISMO DE MICHEL DE MONTAIGNE E O SEU CARÁTER PROPEDÊUTICO À FÉ

Pericles Silva Gomes*

Resumo: Este trabalho busca examinar se é possível a conciliação entre a dúvida cética e a fé - não uma fé, genericamente entendida, mas sim a fé cristã - professada pelo fiel. Essa abordagem será realizada com base na herança do ceticismo antigo e a sua nova roupagem na Idade Moderna, especificamente no décimo segundo livro do segundo volume dos *Ensaíos* do filósofo francês Michel de Montaigne, intitulado a *Apologia de Raymond Sebond*.

Palavras chave: Ceticismo. Modernidade. Fé. Montaigne. Ateísmo.

1. INTRODUÇÃO

29

Que sais-je? (Que sei eu?). Com essa pergunta, o filósofo francês Michel de Montaigne (1533-1592)¹ inaugura, uma nova fase do ceticismo (Pirronismo - nova escola grega fundada pelo filósofo grego Pirro de Élis 365-275 a. C., contemporâneo de Aristóteles) e descobriu nele - no

* Graduado em Filosofia pelo Centro Universitário Claretiano (CEUCLAR) e pelo Instituto de Filosofia Nossa Senhora das Vitórias (IFNV). Uma versão mais completa do presente texto foi apresentado no formato TCC, como requisito parcial para a obtenção de Licenciado em Filosofia. E-mail: pericleskinho@hotmail.com.

¹ Michel de Montaigne nasceu em 1533 no Château de Montaigne, propriedade de sua família localizada a 50 quilômetros ao leste da cidade portuária de Bordeaux. Seu bisavô paterno, mercador próspero que comprava e vendia vinhos, peixes e corante índigo, adquirira o castelo três gerações antes. A família floresceu nas décadas que se seguiram. Porém, o primeiro membro a alcançar as virtudes cívicas e marciais adequadas a um homem nobre foi o pai de Michel, Pierre Eyquem de Montaigne (MILLER, 2012, p. 170-171).

ceticismo – uma filosofia plena de modéstia e humildade, rica no método e livre de doutrina, com força o suficiente, para colocar em xeque as pretensões e o orgulho da razão.

Por confiar em demasia em nossas capacidades racionais, em muitos aspectos, nos situamos acima de toda a criação, o que, *a priori*, não é uma coisa ruim. Contudo, nos fez esquecer aquela máxima inferida por Sócrates (469-399 a. C), que deveria nortear a postura do sábio, isto é, de que a única coisa que o sábio sabe é que nada sabe. Neste particular, Montaigne foi mais longe do que Sócrates, superando-o, pois ao dizer que o sábio, sabe que nada sabe, está afirmando que o sábio sabe alguma coisa. Montaigne simplesmente se apraz com a pergunta: “Que sei eu?”. Esta pergunta, inclusive, talvez seja a mais filosófica de todas. Se não a mais filosófica, com certeza a mais honesta.

Foi na *Apologia de Raymond Sebond*, seu ensaio mais longo, mais cético e mais filosófico, que Montaigne investiu contra as luzes naturais, quer sejam elas racionais ou empíricas (Racionalismo/Empirismo)², tendo em vista que para ele o ceticismo tem o poder de desconcertar essas duas correntes com a sua filosofia da dúvida.

30

² “Para comprovar as verdades matemáticas basta racionar. Racionando, sabe-se que o resultado da soma de duas unidades com duas unidades é igual a quatro unidades. Isso significa que, por meio da razão, o ser humano pode obter conhecimento seguro? Alguns filósofos do século XVII afirmariam que sim. Eles ficaram conhecidos como racionalistas, pois defenderam a idéia de que a razão é a origem ou fonte de conhecimento seguro. Entre esses filósofos, destacaram-se René Descartes, Baruch de Espinosa e Gottfried Leibniz” (MELANI, 2016, p. 159). [Racionalismo] “Em geral, a atitude de quem confia nos procedimentos da razão para a determinação de crenças ou de técnicas em determinado campo” (ABBAGNANO, 2007, p. 821). Se, para os racionalistas, a fonte do conhecimento é a razão, para os empiristas – Locke à frente –, é a experiência sensível ou a percepção. Lembremos que *empeiría*, em grego significa “experiência” ou “sabedoria adquirida pela experiência” (MELANI, 2016, p. 179). Essa corrente teve como representantes mais ilustres, John Locke – já citado –, George Berkeley e David Hume.

O nosso trabalhar, portanto, pretende estabelecer a relação entre o ceticismo e fé e investigar a possibilidade de conciliação entre a dúvida cética e a fé católica e demonstrar que na *Apologia de Raymond Sebond*, o ceticismo tem caráter propedêutico a ela, pois, livres de qualquer verdade, nus diante de qualquer pretensão conhecimento, estaríamos prontos para, iluminados pelo divino, receber o dom da fé.

2. A APOLOGIA DE RAYMOND SEBOND

Antes de avançarmos, é importante situar e conhecer algo sobre Raymond Sebond e a *Apologia*, que Montaigne escreveu para defendê-lo. Raymond Sebond, nasceu em Barcelona e era professor de medicina e teologia em Toulouse. Passou a residir na Espanha e escreveu uma longa obra intitulada de *Livro da natureza ou das criaturas*, que ficou conhecida como *Teologia Natural*.

Essa obra foi traduzida para o francês por Montaigne. Diz ele: “alguns dias antes de sua morte, meu pai, tendo por acaso encontrado esse livro - *Livro da Natureza ou das Criaturas* de Raymond Sebond - sobre uma pilha de outros papéis esquecidos, encomendou-me que o passasse para o francês” (MONTAIGNE, 2006, p. 162, grifos nossos). A *Teologia Natural*, sendo bastante sintético, defende que Deus escreveu a verdade em dois livros, a saber: na razão humana e na natureza.

Porém, nos círculos intelectuais da época, a *Teologia Natural* de Sebond, parece que não foi bem aceita. Montaigne então, se pôs a defender Sebond das acusações que se seguiu à publicação da tradução de sua obra. Duas objeções principais foram feitas a Sebond: a primeira de que a razão não pode demonstrar as verdades da religião e a segunda de que os argumentos de Sebond eram insuficientes para racionalizar a fé.

“Nessa objeção - que a razão não pode demonstrar as verdades da religião - parece que há um fervor de piedade, e por causa disso precisamos ainda com maior brandura e respeito procurar responder aos que se expressam” (MONTAIGNE, 2006, p. 163, grifos nossos). Montaigne diz que essa tarefa seria melhor desempenhada por alguém versado em teologia, tendo em vista, que sobre essa ciência ele nada sabia, ou seja, ele não entra em contenda com os teólogos, sobre verdade de fé,

por ter uma convicção, que a palavra de Paulo seria suficiente para defender Sebond:

Montaigne, todavia, não pretende responder aos objetores, valendo-se da autoridade de cristãos ilustres, ainda que ela bastasse. Consequentemente, o fundamental aqui é notar que as palavras de Paulo seriam suficientes para realizar a apologia de Sebond (LOQUE, 2012, p. 117).

Mas a defesa de Montaigne a essa objeção tem caráter ambivalente, pois para defender Sebond ele acabou afirmando em que não crê e também no que ele crê vivamente:

[...] não creio que os recursos puramente humanos sejam capazes disso; e, se o fossem, tantas almas raras e excelentes, e tão abundantemente munidas de forças naturais nos séculos antigos, não teria deixado de por meio da razão chegar a esse conhecimento. É tão-somente a fé que abarca vivamente e verdadeiramente os altos mistérios de nossa religião (MONTAIGNE, 2006, p. 164).

32

Precipitadamente poderíamos imaginar que, na verdade, o próprio Montaigne estaria se opondo a tese de Sebond; de fato, em seguida, ele afirma: “Mas isso não quer dizer que não seja uma iniciativa muito bela e muito louvável adaptar ao serviço de nossa fé os instrumentos de naturais e humanos que Deus nos deu” (MONTAIGNE, 2006, p. 164). O resultado de sua argumentação, com perene validade, é esse: a fé não depende dos esforços e argumentos, para atingir seu fim. Contudo,

Não se deve duvidar que esse seja o uso mais honroso - dos instrumentos naturais e humanos que Deus nos deu - que lhes poderíamos dar, e que não haja ocupação nem desígnio mais digno de um homem cristão do que pretender, por todos seus estudos e reflexões embelezar, estender e ampliar a verdade de sua crença. Não contentamos em servir a Deus com o espírito e

com a alma; devemos-lhe ainda, e lhe prestamos, uma reverência corporal (MONTAIGNE, 2006, p. 164).

Já quanto à segunda objeção – de que os argumentos de Sebond são insuficientes para racionalizar a fé –, Montaigne, afirma que se os argumentos de Sebond são insuficientes, igualmente são os dos seus objetores, pois a razão humana é incapaz de fundamentar qualquer coisa com exatidão. Se na primeira objeção Montaigne reconhece que foi basicamente movido pela piedade, não se constata o mesmo temperamento para com aqueles que fizeram a segunda objeção, esses são perigosos e mal-intencionados. Montaigne, então, escreve uma longa apologia para defender Sebond e a sua *Teologia Natural*, valendo-se de argumentos herdados da filosofia cética antiga, especialmente a pirrônica.

O cristianismo católico depois da Reforma protestante passa por uma grave crise. A filosofia moderna nascente aparece como antagônica a fé, ao lado dos questionamentos da Reforma sobre a autoridade papal e dos concílios, ao lado da crítica da tradição e aos costumes, a fé católica ganha mais um “inimigo”. Obviamente que a Igreja não ficaria calada e inerte ante as investidas que vinha sofrendo. É neste contexto preciso que o ceticismo terá um papel preponderante e altivo para subsistência da Igreja, através da Apologia de *Raymond Sebond*, como afirma Richard Popkin:

[...] se desdobra no inimitável estilo ziguezagueante de Montaigne em diversas vogas de ceticismo, com pausas ocasionais para examinar e digerir os vários níveis de dúvida, mas sempre com o tema dominante da defesa de uma nova forma de fideísmo – um pirronismo católico (POPKIN, 2000, p. 91).

Como bem sabemos, o projeto moderno visava superar, através da razão, as “obscuridades” da Idade Média. Nesse período a teoria do conhecimento (epistemologia, gnosiologia) ganhou novas formas, os racionalistas (Descartes, Leibniz e Espinosa) acentuavam o poder da razão, já os empiristas (John Locke, David Hume e George Berkeley) se

fiavam à experiência. Nos dois casos, a crença na capacidade humana de conhecer e defender a verdade última atingiu o seu apogeu.

Foi neste contexto que a *Apologia* de Montaigne investiu contra as luzes naturais – quer fossem elas racionais ou empíricas. Por isso, ele é um crítico ferrenho de ambos os modos de conhecer, por desconfiar que a nossa razão nos engana, que ela é falível, por isso ela não dá conta de explicar tudo como pretendiam os racionalistas. Ele vai mais longe ao afirmar na *Apologia* de que a faculdade racional não é exclusividade nossa, mas muitos animais também a possui e radicaliza com uma pergunta genial: “Quando brinco com a minha gata, quem sabe se ela não se distrai comigo mais do que eu com ela?” (MONTAIGNE, 2006, p. 181).

Quanto aos nossos sentidos, Montaigne também os ataca, demonstrando a fragilidade deles. Mais uma vez ele compara o homem aos animais e deixa evidente que em muitos aspectos os animais têm os sentidos muito mais aguçados que os nossos. Não são poucos os animais que têm a visão melhor que a nossa, possui o olfato melhor do que o nosso, possuem uma audição mais eficaz que a nossa. Essa mesma linha argumentativa se aplica ao tato e paladar, o que acaba por demonstrar que não se pode dar, aos sentidos, um valor que ele definitivamente não possui.

Quanto à guerra e a organização doméstica, segundo ele, os animais são melhores que nós: “Quanto à fidelidade, não há no mundo animal, traidor que se compare ao homem” (MONTAIGNE, 2006, p. 215); quanto à força, Montaigne revela que somos os mais expostos e frágeis e limitados. Por exemplo: “nunca por falta de coragem um leão tornou-se servo de um outro leão, nem um cavalo de um outro cavalo” (MONTAIGNE, 2006, p. 195).

Quanto à constituição do corpo, o filósofo também não nota superioridade humana, para ele os macacos que mais se assemelham aos homens são os mais feios e abjetos de todos, sobre as partes vitais interiores, no entanto, somos parecidos com os porcos. Feita mais algumas análises comparativas sobre o corpo humano, ele chega à seguinte conclusão: “tivemos mais razão em cobrir-nos que qualquer outro animal” (MONTAIGNE, 2006, p. 227), afinal de contas, “somos o

único animal cujos defeitos chocam nossos próprios companheiros, e os únicos que temos de nos esconder dos de nossa espécie em nossos atos naturais” (MONTAIGNE, 2006, p. 227).

Dito de outra maneira, Montaigne reconhece as limitações humanas, por isso, não entende a postura de superioridade do humano, está aí o motivo de ele reconhecer que ainda “que os animais tivessem toda a virtude, a ciência, a sabedoria e a eficiência estoicas, continuariam a ser animais; nem seriam portanto sequer comparáveis a um homem miserável, mau e insensato” (MONTAIGNE, 2006, p. 229). Pois, para os humanos, tudo o que não é como nós somos, é sem valor algum. Ele conclui dizendo “que não é por um juízo verdadeiro e sim por um louco orgulho e obstinação que nos preferimos aos outros animais e nos apartamos de sua condição e companhia” (MONTAIGNE, 2006, p. 229). Portanto, podemos concluir, que a

A presunção é nossa doença mental e original. A mais calamitosa e frágil de todas as criaturas é o homem, e ao mesmo tempo a mais orgulhosa [...]. É por vaidade dessa mesma imaginação que ele se iguala a Deus, que se atribui as características divinas, que seleciona a si mesmo e se separa da multidão das outras criaturas, divide em grupo os animais seus confrades e companheiros e distribui-lhes a porção de faculdades e forças que bem lhe parece. Como conhece ele, por obra da inteligência, os movimentos internos e secretos dos animais? por qual comparação entre eles e nós conclui sobre a estupidez que lhes atribui? (MONTAIGNE, 2006, p. 181).

35

Ainda tentando lograr êxito a partir da sua dialética comparativa, Montaigne, faz um elogio à ignorância, mas sobre isso, falaremos mais adiante. Mas uma coisa parece ser correta afirmar: a *Apologia de Raymond Sebond* parece indicar, que Montaigne desejava mesmo era, filosoficamente, defender o cristianismo dos ataques advindos da Reforma iniciada por Lutero. Assim sendo, a defesa que ele faz do escrito do bispo espanhol Raymond Sebond – embora diferente dos apologistas antigos e medievais –, revela o seu espírito católico e de alguém que venera a sua tradição.

Para realizar essa tarefa é que ele retorna aos gregos para denunciar as vaidades dos seus contemporâneos, graças às guerras religiosas e também aos estudos e descobertas do Renascimento, que ele qualifica como sendo meras pretensões e vaidades o que a presunção humana de saber arroga para si. Essas inferências não deixam dúvidas quanto as intenções de Montaigne.

Ao demonstrar as fragilidades humanas, quer seja no sentido racional ou através dos sentidos e que em nada devemos nos gloriar dos outros animais, o caminho está aberto para chegarmos ao cerne do que nos propomos neste trabalho – os humanistas cristãos, a começar por Pascal, depois Erasmo –, isto é, defender a tese de que o ceticismo, em especial o de Montaigne, não é prejudicial à fé, mas antes um forte auxiliar. Em seguida, pretendemos ir além e explicitar que em Michel de Montaigne, na sua *Apologia de Raymond Sebond*, o ceticismo é propedêutico à fé. É sobre isto que trataremos agora.

3. O CETICISMO E O SEU CARÁTER PROPEDÊUTICO À FÉ

Defender a tese de que o ceticismo de Michel de Montaigne é propedêutico à fé, é em primeiro lugar descartar uma das duas interpretações feita por Tiago Barros Duarte, em seu artigo *Ceticismo e religião em Michel de Montaigne: duas interpretações da Apologia de Raymond Sebond*: a primeira é que o ensaio é uma defesa cética da religião cristã, ou melhor dizendo, da religião católica; já a segunda seria de que, seu ceticismo nada mais é do que uma crítica ao cristianismo³.

Anteriormente, ficou evidenciado, que para Montaigne o ceticismo demonstra que razão humana é muito menos potente do que pretende sê-la, denunciando, por assim dizer, a sua vaidade⁴. Na verdade, são

³ Descartamos essa segunda interpretação – seu ceticismo nada mais é do que uma crítica ao cristianismo –, não por não achar que não seja válida ou que não encontre guarida na *Apologia*, antes porque não é esse o objetivo do nosso trabalho.

⁴ Luiz Antonio Alves Eva escreveu uma obra intitulada *Montaigne contra a vaidade: um estudo sobre o ceticismo na Apologia de Raymond Sebond* (2004). Nesse particular, entre nós, ninguém tratou melhor sobre essa temática

inúmeras as vaidades evidenciadas por Montaigne, aqui apresentaremos as três⁵ vaidades apontadas pelo estudioso da *Apologia*, Luiz Antonio Alves Eva, a saber: vaidade do homem, vaidade do saber e a vaidade da razão.

Para responder a segunda objeção feita a Sebond, Montaigne faz duras críticas a vaidade humana e os limite da razão: “é quebrar e calcar aos pés o orgulho e a altivez humana; fazê-los sentir a inanidade, a vaidade e a nulidade do homem; arrancando-lhe das mãos as mirradas armas da razão” (MONTAIGNE, 2006, p. 175). Isto feito, restaria ao homem, agora, já aberto ao divino, receber a fé, pois, curvada a cabeça e a morder a terra ante a autoridade imponente e a majestade divina, só lhe restaria reconhecer a sua pequenez e sua fraqueza, reconhecimento de sua condição:

[...] fraqueza da natureza humana, responsável pela ausência de qualquer saber seguro, os cétricos cristãos⁶ acentuarão ainda a onipotência de Deus e a debilidade da razão, tida como um instrumento de chumbo ou de cera ao qual é possível imprimir qualquer formato, para defender a impossibilidade de alcançar um saber seguro no que diz respeito à ordem natural (LOQUE, 2012, p. 107, grifos nossos).

37

Em contrapartida, quanto à ordem sobrenatural, os cétricos consideram que qualquer conhecimento sobre a divindade não é possível, pois esta ordem ultrapassa a alçada humana. Portanto, somente pela fé esse conhecimento pode ser adquirido. Como o sábio (cético) é aquele que reconhece as suas limitações, ele suspende o juízo, com o juízo

do que ele. Sua obra está dividida em quatro capítulos que nos ajudam a compreender melhor não somente a *Apologia*, mas o próprio Montaigne. Segue os capítulos respectivamente: “Crítica a vaidade do homem”; “Crítica a vaidade do saber”; “Crítica a vaidade da razão” e, finalmente, a relação entre “Ceticismo e fideísmo”.

⁵ Abordaremos sobre essas três formas de vaidade, de forma implícita ou explícita, embora acreditemos de alguma maneira já ter tocado neste assunto ao longo dessa dissertação.

⁶ Michel de Montaigne, Pierre Charron, François de La Mothe Le Vayer, Erasmo, Pascal...

suspensão, livre dos saberes errantes, o ceticismo do início da Modernidade “pode ser pensado a partir de duas noções-chave bastante esclarecedoras: *compatibilidade e propedêutica*” (LOQUE, 2012, p. 107, grifos nossos) à fé católica.

Montaigne ao defender Sebond da segunda objeção, critica a maneira como os cristãos de sua época viviam, isto é, como se não compreendessem os artigos da sua religião, fazendo a famosa afirmação: “Somos cristãos a mesmo título que somos perigordinos ou alemães” (MONTAIGNE, 2006, p. 170). Pois ele via “claramente que costumamos prestar a devoção apenas os serviços que agradam às nossas paixões. Nosso zelo faz maravilhas quando vai secundando nossa inclinação para o ódio, a crueldade, a ambição, a cupidez, a difamação, a rebelião” (MONTAIGNE, 2006, p. 168). É justamente por esse tipo de comportamento notado, que Montaigne fez a afirmação anterior.

Mas se tivéssemos a verdadeira luz da fé, então os meios humanos, como os argumentos de Sebond, poderiam ser úteis. Assim, de modo a “defender” a tese de Sebond de que as verdades da fé podem ser demonstradas racionalmente, Montaigne primeiro tornou a fé pura a pedra fundamental da religião, e em seguida considerou os esforços de Sebond como de segunda classe, sendo úteis, porém, não antes de aceitarmos Deus (POPKIN, 2000, p. 92).

38

Tais palavras não deixam dúvidas sobre o caráter fideísta do filósofo Montaigne. Ao perceber que o ceticismo não é incompatível com a fé, ele e depois os outros cétricos cristãos, como afirma Flavio Fontenelle Loque, “pretendem mostrar que (I) a filosofia cétrica, ao contrário de toda e qualquer forma de dogmatismo, é compatível com a religião cristã, e (II) é, além disso, a melhor introdução (propedêutica) ao cristianismo” (LOQUE, 2012, p. 107, grifos nossos).

Ainda nas palavras do mesmo estudioso, “Montaigne não apenas explicita a concordância entre Paulo⁷ e os cétricos, mas apresenta de

⁷ Ao longo de toda a *Apologia*, Montaigne faz referência direta a Paulo, notadamente as passagens em que Apóstolo aborda a superior sabedoria de

maneira incipiente um elemento que os pósteros explorarão mais enfaticamente: *o ceticismo como introdução (propedêutico) à fé*” (LOQUE, 2012, p. 107, grifos nossos). Isso porque, o ceticismo

[...] apresenta o homem nu e vazio, reconhecendo a sua fraqueza natural, apropriado para receber do alto uma força externa, desguarnecido de ciência humana e portanto mais apto para alojar em si a divina, anulando seu próprio julgamento a fim de dar mais espaço para a fé (MONTAIGNE, 2006, p. 260).

Por isso, o ceticismo se configura como sendo propedêutico à fé. Afinal, como afirma Montaigne, “nossa fé não é aquisição nossa, é uma pura dádiva da liberalidade de outrem. Não foi por reflexão ou por nosso entendimento que recebemos nossa religião” (MONTAIGNE, 2006, p. 251). Daí surge à oposição proposital, inquirida por Montaigne contra a teologia racionalista, que encontrou em Tomás de Aquino o seu mais elevado representante, o seu fideísmo como instrumento da fé:

[...] constrói-se sobre a constatação de que a razão *não* é um eficaz instrumento da fé (*preambulae fidei*). Por outro lado, o seu ceticismo, ao deplorar a vaidade do homem, e ao esvaziá-lo de toda pretensa sabedoria, *torna-se uma postura filosófica capaz de prestar importante serviço à fé*, já que prepararia a mente para a ação da graça divina, que nela depositaria, como dom sobrenatural, uma verdade eterna e transcendente (MACIEL, 2011, p. 55, grifos nossos).

39

Para fugir das pretensões de se saber cômico de alguma coisa, Montaigne radicaliza e faz um elogio contundente à ignorância, nesse sentido, ela - a ignorância - teria um papel de purgatório da nossa mente. Uma vez que eliminaria os últimos resquícios de dogmatismo. Montaigne, por assim dizer, descobre seu ovo de Colombo, isto é, a ignorância, em

Deus - que aos desavisados pode até parecer loucura, e humanamente é -, ante a tibieza da sabedoria humana, inclusive os saberes filosóficos, que como sabemos Paulo teve acesso.

oposição ao ouro de tolo, que seria a nossa razão, ou melhor, a fraqueza da nossa razão.

Montaigne se pergunta, o tempo todo, qual proveito se pode tirar da razão, uma vez que ela não nos livra dos inconvenientes, dos infortúnios. Para provar o que está tentando, dialeticamente, demonstrar, ele elabora algumas perguntas com tom persuasivo.

Acaso se descobriu que a voluptuosidade e a saúde sejam mais deleitosas para quem conhece a astronomia e a gramática? [...] De que utilidade podemos considerar que tenham sido para Varrão e Aristóteles esse entendimento de tantas coisas? [...] obtiveram da Lógica algum consolo contra a gota? por saberem como essa inflamação se instala nas juntas, sentiram-na menos? (MONTAIGNE, 2006, p. 230-231).

Para, concluir, depois de algumas dezenas de página:

De todas ideias humanas e antigas no tocante a religião, parece-me haver tido mais verossimilhança e mais justificativa aquela que reconhecia Deus como um poder incompreensível, origem e conservador de todas as coisas, todo bondade, todo perfeição (MONTAIGNE, 2006, p. 270).

40

Depois das perguntas ele volta a dar exemplos em que a ignorância se sobrepõe à razão. “Vi em minha época cem artesãos, cem lavradores mais sábios e mais felizes que os reitores da universidade, e com os quais eu preferia me parecer” (MONTAIGNE, 2006 p. 231). “Quem nos contar por nossas ações e nossa conduta encontrará maior número de excelentes entre os ignorantes do que entre os sábios” (MONTAIGNE, 2006 p. 232). Sobre o Brasil diz ele: “eles só morrem de velhice - [...] livre de toda paixão e pensamento e ocupação tensa e desagradável, sendo pessoas que passam a vida numa admirável simplicidade e ignorância, sem letras, sem lei, sem rei, sem religião alguma” (MONTAIGNE, 2006 p. 238). Como na França não é como no Brasil, Montaigne infere que “Do obedecer e ceder nasce toda outra virtude, assim como do orgulho todo

pecado” (MONTAIGNE, 2006 p. 233). Daí a necessidade de se seguir as leis, tradições e costumes do seu país.

Só se abandona as tradições por uma suposição de que somos capazes de fazer ou descobrir algo melhor, por isso, “A peste do homem é a suposição de que sabe. Eis por que a ignorância nos é tão recomendada por nossa religião como qualidade apropriada para a crença e obediência” (MONTAIGNE, 2006 p. 233). Ele vai além ao afirmar que já é hora de derrubar, de sacudir a tola vaidade e sem medo os ridículos fundamentos que construíram falsas ideias. “Enquanto julgar que possui por si mesmo algum recurso e alguma força, jamais o homem reconhecerá o que deve ao seu senhor” (MONTAIGNE, 2006 p. 235).

Vale recordar, que quando fizemos uma apologia de Montaigne anteriormente, tratamos sobre a influência de Lutero e que fora justamente essa influência que o levou a fazer uma defesa cética do catolicismo. Recordemos que Lutero apregoou que o critério para a interpretação das Sagradas Escrituras, agora não seria mais a autoridade papal ou a força dos concílios, mas a consciência de cada cristão. Montaigne é radicalmente contra esse pressuposto antropológico da fé. A razão é simples:

41

Não se deve deixar ao julgamento de cada um o conhecimento de seu dever; é preciso prescrevê-lo, não deixar que ele o escolha segundo seu discernimento; de outra forma, dadas a fragilidade e a infinita variedade de nossas razões e opiniões (MONTAIGNE, 2006 p. 232).

Todavia, ainda resta uma dúvida a ser respondida: se o ceticismo de Montaigne não assente a nada, suspende o juízo, aplica a regra da equipolência, não quer provar, não dogmatiza nada... porque seria negativo uma variedade de opiniões - no que se refere a religião -, levando em consideração a multiplicidade de nossas razões? Não seria isso uma contradição?

Não, pois segundo ele, se admitirmos essas possibilidades, nós humanos “forjaríamos deveres que nos levariam a devorar-nos uns aos outros, como diz Epicuro” (MONTAIGNE, 2006 p. 232). Portanto, “pelo olhar humanista de Montaigne, uma vez que não se pode ter uma

resposta correta e definitiva, que se faça aquilo que trouxer menos desordens e conflitos, que, neste caso, implica em seguir a religião tradicional” (DUARTE, 2009, p. 8).

Nesse sentido, Montaigne não se difere em nada dos pirrônicos antigos, a começar por Pirro. Como não se pode manter o juízo suspenso de forma permanente – se não cairíamos no paradoxo de Buridan, ou asno de Buridan –, é necessário ter critérios para, de alguma forma, assentir. Este critério ou regra, nada mais é do que seguir a tradição, as leis, os costumes. Que no caso de Montaigne, é a assentir a tradição católica. Com base nisso, fica evidente o que foi que Montaigne percebeu, isto é, que,

Os objetos da fé, as afirmações cristãs não são, portanto de forma alguma abaladas pelo ceticismo, e a religião nada tem a temer ao seu lado. Ao contrário, ela pode até encontrar nele um firme aliado. Pois qual é a finalidade do pirronismo, senão o de humilhar a razão e rebaixar suas excessivas pretensões? (VERDAN, 1998, p. 76).

42

Os herdeiros imediatos de Montaigne é o padre Pierre Charron e François de La Mothe Le Vayer, justamente por todos os argumentos utilizados. Charron, por ter sido um teólogo profissional⁸, diferentemente do filósofo de Montaigne, [...] pôde conectar o ceticismo de Montaigne de modo mais sistemático com as principais correntes anti-racionalistas no pensamento cristão, com isso oferecendo um cristianismo pirrônico mais completo ao unir as dúvidas de Pirro com a teologia negativa dos místicos (POPKIN, 2000, p. 109).

É bom que deixemos claro, que de modo semelhante a Montaigne, segundo Flavio Loque, Charron nunca se pretendeu cético,

⁸ Quem foi Pierre Charron? Nasceu em Paris em 1541, de uma família de vinte e cinco filhos. De alguma forma conseguiu freqüentar a Sorbonne, onde estudou grego, latim e filosofia. Depois disso, foi para Orléans e Bourges estudar direito, tendo obtido o título de Doutor em direito. Exerceu sua profissão em Paris por algum tempo, aparentemente sem muito sucesso, já que não era bem relacionado na corte (POPKIN, 2000, p. 109).

diferentemente de Le Vayer que se intitula de cético cristão, levando-se em consideração que a personagem Orasius seja seu porta-voz. Em sua principal obra *As três verdades* [*Les Trois Vcritez*], que tem por objetivo principal ser uma arma contra a Reforma Protestante, “Charron tenta mostrar de maneira tediosa que devemos acreditar na existência de Deus, que o cristianismo é a única religião verdadeira, e que a Igreja Católica é a única verdadeira Igreja” (POPKIN, 2000, p.112).

De modo muito breve Charron menciona algumas das razões habituais, derivadas principalmente da análise histórica das mudanças nas opiniões humanas, que nos levam a duvidar de nossa capacidade de conhecer qualquer coisa, natural e sobrenatural, declarando em seguida, “Ó que triste e miserável é o homem e todo o seu conhecimento! O que tola e insana pretensão de pensar que se conhece a Deus!” *A única maneira de se conhecer a Deus é conhecê-Lo negativamente, conhecer o que Ele não é. Positivamente, “O verdadeiro conhecimento de Deus é a completa ignorância Dele. Aproximar-se de Deus é ter consciência da luz inacessível e ser absorvido por ela”* (POPKIN, 2000, p.112, grifos nossos). 43

Segundo Richard Popkin, de forma inovadora ao empregar esses dois argumentos fideístas - o que não faz dele um mero plagiador de Montaigne, mas um inovador em muitos sentidos - uniu “a posição do teólogo negativo de que Deus é incognoscível porque é infinito à afirmação do cético de que Deus é incognoscível devido à incapacidade humana de conhecer o que quer que seja” (POPKIN, 2000, p 112). De igual modo, fez Le Vayer, no que tange à defesa da fé, valendo-se do ceticismo e da sua suspensão do juízo, que se configura como sendo a melhor maneira de ser introduzido na fé, uma vez que o espírito está por completo vazio e, portanto, apto a receber dos céus o auxílio divino.

Já que para o filósofo francês o ser humano está limitado a “ver com seus próprios olhos e aprender com as próprias forças. Ele se elevará se Deus ajudá-lo extraordinariamente; elevar-se-á, abandonando e renunciando a seus próprios meios e deixando-se alçar e se erguer pelos meios puramente celestes” (MONTAIGNE, 2006, p. 407). Dito de outra

forma: “cabe a nossa fé cristã, e não à sua virtude estóica, aspirar a essa divina e miraculosa metamorfose” (MONTAIGNE, 2006, p. 407).

Não podemos negar que os dois últimos - Pierre Charron e François de La Mothe Le Vayer - de alguma forma, foram menos céticos que Montaigne, contudo, infinitamente mais piedosos e movidos pelo dom divino da fé, porém, como se evidenciou, a fonte em que buscaram seu suporte foi em Montaigne, no seu ceticismo, especialmente na sua vida devotada às tradições, às leis, aos costumes, mas, sobretudo, livre de qualquer certeza, de qualquer dogma, enfim, livre de qualquer verdade. Por isso mesmo, a sua dúvida, a sua suspensão de juízo, a sua denúncia da vaidade humana, o seu ceticismo, a sua pergunta: “*Que sais-je?*” (Que sei eu?), é inegavelmente propedêutico à fé.

4. CONSIDERAIS FINAIS

Como pudemos notar ao longo de toda essa dissertação, no que se refere ao ceticismo, à fé atravessa a pés enxutos, de forma incólume o mar da dúvida cética, enquanto que a razão, se não morreu afogada, ao menos precisará passar pelo processo de oxigenoterapia.

O ceticismo de Montaigne nos devolve a nós mesmos, somos humanos, somos frágeis, somos limitados, quase nada podemos. Em meio à imensidão do nosso universo descobrimos a nossa ínfima pequenez, porém, ainda assim, pretendemos ser mais, não num sentido justo e positivo, de não nos conformamos em sermos menos, mas ser mais no sentido de nos pormos acima de toda a criação subjugando-a, maltratando-a e fazendo o mesmo aos nossos semelhantes. De fato, não é este o nosso poder, uma vez que não somos deuses, não podemos tudo, mesmo que queiramos poder ou suponhamos ser.

Qual a fonte de tudo isso? A nossa presunção, a nossa vaidade, supor ter descoberto alguma verdade e em nome dessa descoberta tyrannizar os que não se enveredaram pelas sendas da soberbia, do orgulho, da vanglória. Esses são os caminhos do dogmatismo e, como procuramos deixar claro, todo dogmatismo leva a um fundamentalismo e todo fundamentalismo exclui, segrega, violenta e mata. Bem ao contrário é o ceticismo, pois nada deseja provar e, neste processo, nos recompensa com

a aquisição da *ataraxia* e da *eudaimonia aristotélica*. Assim, a alma se regozija, se alegra e contenta em apenas viver, simples e humildemente.

A dúvida é uma mola propulsora da humanidade, a reflexão constante é um de nossos maiores patrimônios. Certezas nos estagnam. Não reconhecer a própria ignorância é um caminho para morte. É preciso admitir que muito pouco sabemos, ou melhor, que quase nada sabemos. Vivemos no tempo das certezas! É época em que todo mundo sabe tudo, inclusive no campo religioso. Hoje em dia, por exemplo, muitos sem ter feito um curso de final de semana de teologia, se arrogam ao direito de querer ensinar ao papa como conduzir a Igreja. Tempos difíceis esses dos dogmatismos, das convicções, das doxologias. Hoje, mais do que nunca precisamos da filosofia de Montaigne.

Finalmente, percebemos que sim, o ceticismo é uma filosofia no sentido mais pleno da etimologia da palavra, e ao mesmo tempo é um catalisador, é a porta de entrada, é a liberdade que Deus carece para a ação da sua divina graça nos encontrar. Por isso tudo o ceticismo é propedêutico à fé. Mas para demonstrar o caráter cético dessa dissertação o ideal é concluir com uma pergunta e assim fazemos: Ceticismo de Michel de Montaigne: propedêutico à fé?

45

5. REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

DUARTE, Tiago Barros. Ceticismo e religião em Michel de Montaigne: duas interpretações da *Apologia de Raymond Sebond*. **Intuitio**, v. 2, n. 3, 2009, p. 298-307.

EVA, Luiz Antonio Alves. **Montaigne contra a vaidade: um estudo sobre o ceticismo na Apologia de Raymond Sebond (Ensaio II)**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP: Fapesp, 2004.

LOQUE, Flavio Fontenelle. **Ceticismo e religião no início da modernidade: a ambivalência do ceticismo cristão**. São Paulo: Loyola, 2012 (Coleção Faje).

MACIEL, Marcelo da Costa. Ceticismo e religião em Montaigne. **Interações - Cultura e Comunidade**. v. 6 n. 10 / jul./dez. 2011, p. 51-62.

MELANI, Ricardo. **Diálogo: primeiros estudos em filosofia**. São Paulo: Moderna, 2016.

MILLER, James. **Vidas investigadas: de Sócrates a Nietzsche**. Rio de Janeiro: Rocco, 2012.

MONTAIGNE, Michel de. Apologia de Raymond Sebond. In: _____. **Ensaio II**. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 157-407.

POPKIN, Richard H. **História do ceticismo: de Erasmo a Spinoza**. Tradução: Danilo Marcondes. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2000.

VERDAN, André. **O ceticismo filosófico**. Tradução Jaimir Conte. Florianópolis: UFSC, 1998.

46

Pericles Silva Gomes

<http://lattes.cnpq.br/8906070346304651>